

Degradação contínua das costas europeias ameaça níveis de vida europeus

Viver junto ao mar é muito atraente. Geralmente, pensa-se que as zonas litorais são bens imutáveis. Contudo, os ecossistemas costeiros estão a sofrer alterações prejudiciais e irreversíveis de forma continuada. As tendências registadas dão conta de que nas zonas costeiras as alterações no uso do solo superam em muito as observadas noutras zonas; por exemplo, o crescimento das áreas artificiais ao longo das costas europeias está a aumentar a um ritmo um terço superior ao das zonas de interior. Trata-se de mudanças generalizadas derivadas de um conjunto de factores, como sejam as alterações demográficas, a reestruturação das actividades económicas, o aumento do nível de vida e dos tempos livres, e os modelos de comércio globalizados. Em muitas zonas costeiras, estes factores provocaram rápidas mudanças que alteraram drasticamente a potencial viabilidade a longo prazo dos ecossistemas costeiros e dos serviços que os mesmos oferecem. E, a partir de agora, são cada vez maiores as probabilidades de os impactes que se fazem sentir nos ecossistemas costeiros serem exacerbados pelas alterações climáticas.

Os ecossistemas costeiros fornecem à sociedade uma vasta gama de serviços, entre os quais se destacam o fornecimento de alimentos, lenha, recursos energéticos e produtos naturais), e alguns serviços culturais (de entretenimento), como turismo e actividades recreativas. Oferecem ainda importantes serviços de regulação e sustentação, por exemplo, através da sua acção de estabilização da linha de costa, de protecção contra perigos naturais e de descontaminação de águas poluídas. Como as zonas costeiras vêm assumindo, cada vez mais, uma função de "porta de entrada" relativamente ao comércio mundial e às plataformas logísticas, o seu

desenvolvimento tem-se acentuado, com a consequente degradação dos serviços fornecidos pelos ecossistemas.

Estas tendências são importantes na medida em que os referidos serviços constituem uma percentagem significativa do valor económico total das zonas costeiras. Por exemplo, os recursos marinhos biológicos da Europa dependem largamente da qualidade das zonas costeiras. Havendo perturbações nessas funções naturais, o processo de degradação acelera-se progressivamente, tornando difícil qualquer eventual resposta da sociedade. Não é possível substituir essas funções naturais por tecnologia.

Apesar de alguns progressos, a maior parte das regiões costeiras continua a estar entre as regiões economicamente menos desenvolvidas da UE. Em 1996, das vinte e cinco regiões menos favorecidas da UE-15, dezanove eram regiões costeiras, realidade que continua a ser um problema importante na UE alargada a 25 países. As ilhas pequenas são particularmente afectadas por problemas sociais e económicos (por exemplo, migração e falta de infra-estruturas económicas).

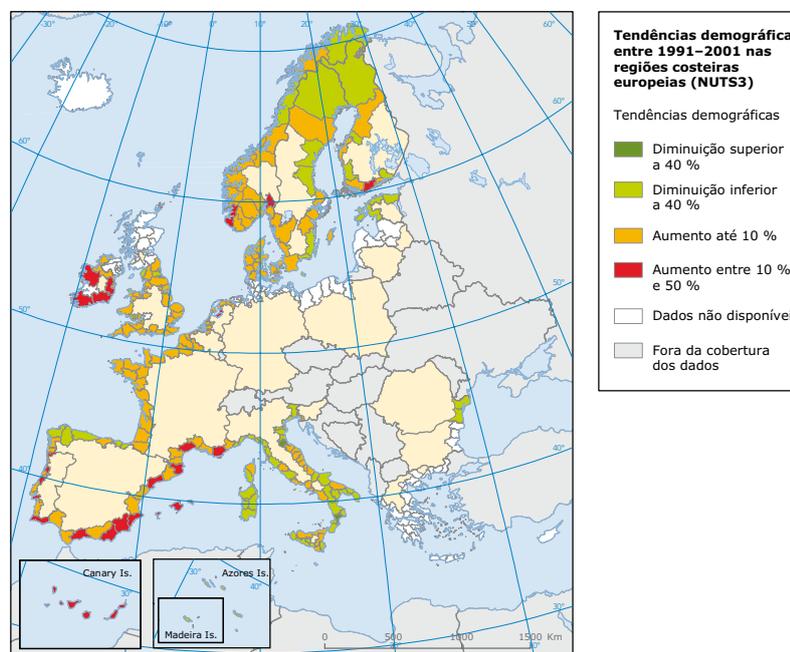
O desenvolvimento nas zonas costeiras tem sido baseado na reestruturação das actividades económicas, conseguida principalmente graças ao turismo e à

consequente expansão da construção, em especial nas regiões mediterrânicas e do Atlântico. Noutras regiões, devido à diminuição dramática das unidades populacionais de peixes, foi dada prioridade à reestruturação da indústria pesqueira. O aumento do número de portos e do volume dos transportes marítimos também levaram ao ressurgimento das zonas costeiras como plataformas logísticas.

Ao mesmo tempo, a expansão urbana, a edificação de empreendimentos turísticos e a construção de portos, assim como a aquicultura, estão a afectar directamente os ecossistemas. Os seus efeitos vão muito além dos impactes directos da poluição, sedimentação e alterações na dinâmica das costas. Práticas de pesca destrutivas, sobreexploração dos fundos marinhos, alterações climáticas e subida do nível do mar, constituem também importantes ameaças aos habitats costeiros como, por exemplo, extensas terras aráveis, zonas húmidas e fundos de sargaços.

A isto se junta a densidade populacional que, nas zonas costeiras é, em média, 10 % mais elevada do que no interior, chegando essa percentagem, em alguns países, aos 50 %. Mais preocupante ainda é o facto de a conversão de áreas costeiras naturais para áreas artificiais estar a dar-se a um ritmo superior ao do aumento da densidade da população. Estas mudanças, tendo em conta o seu carácter irreversível, são vistas como

Tendências demográficas entre 1991 e 2001 nas regiões costeiras europeias



Fonte: AEA, 2006, com base no recenseamento da população de 1991 e 2001, Eurostat.

as principais ameaças à sustentabilidade das zonas costeiras. Os seus principais factores são a habitação (que consiste, em muitas áreas, em segunda habitação) e os serviços e actividades recreativas que representam 61 % do total da ocupação do solo das costas para superfícies artificiais.

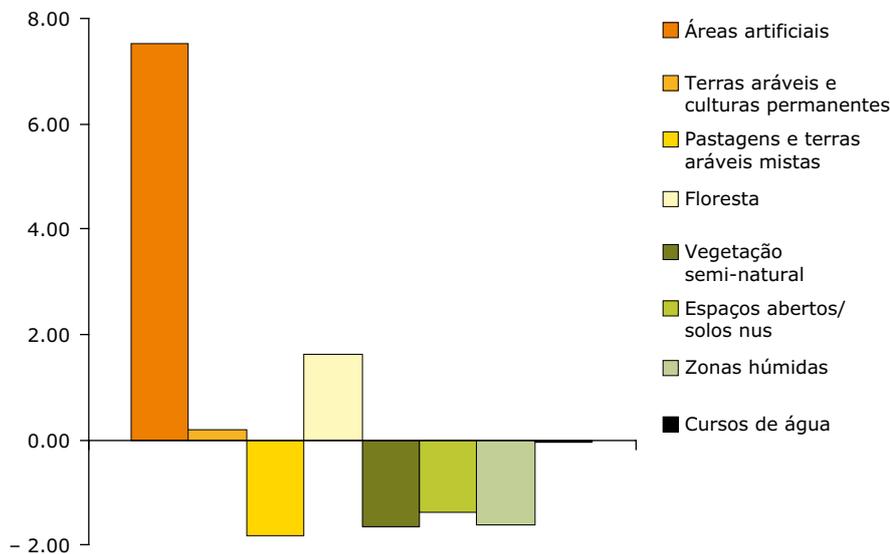
No passado, a maior parte das zonas costeiras eram consideradas periféricas. Hoje, porém, constituem, cada vez mais, espaço privilegiado para desenvolvimento. Em muitas zonas costeiras da Europa, a percentagem de áreas artificiais é superior a 45 % da área total da faixa costeira (i.e. até 1 km da linha de costa). As áreas mais intensivamente utilizadas são as da costa mediterrânica (França, Espanha e alguns troços da Itália). Toda a costa atlântica francesa é também intensamente povoada, o

mesmo se passando com as regiões atlânticas espanholas (País Basco e Huelva), bem como grandes troços da costa portuguesa. Muitas costas do mar do Norte estão igualmente intensamente edificadas (Países Baixos e Bélgica).

O aumento dos níveis de vida em toda a União Europeia, a liberalização das rotas aéreas europeias e a consequente proliferação de linhas áreas de tarifas reduzidas, aliados ao desenvolvimento das ligações rodoviárias e ferroviárias transeuropeias, aumentaram fortemente a mobilidade dos europeus, bem como o seu acesso às zonas costeiras em particular. Além disso, o aumento dos rendimentos pessoais faz com que cada vez mais pessoas adquiram segundas residências em zonas litorais, pelo que estas oferecem não só em termos de investimento, mas também de

Alterações na ocupação do solo na faixa costeira de 10 km em 17 países europeus, 1990–2000

Mudança líquida da ocupação do solo em % relativamente ao ano de referência



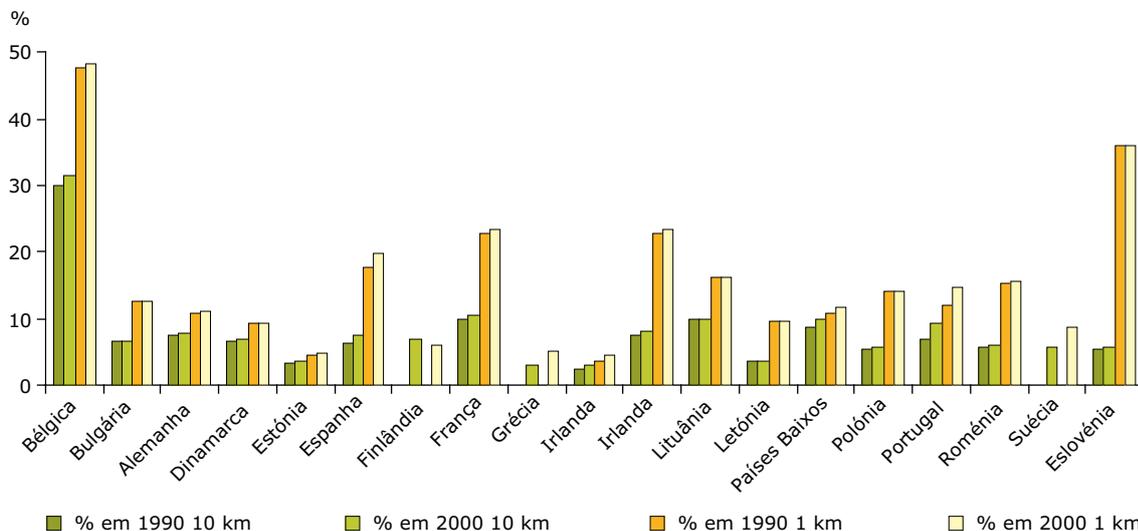
Fonte: AEA, 2006.

novas oportunidades de lazer. Devido ao desenvolvimento de infra-estruturas e serviços de apoio a “residentes secundários” e turistas (por exemplo, hotéis, parques aquáticos, campos de golfe e circuitos de karting), muitas zonas litorais correm o risco de perder a sua identidade local.

As regiões costeiras confrontam-se ainda com uma ameaça suplementar: as alterações climáticas. As várias pressões não relacionadas com o clima acima referidas podem já ter afectado negativamente a viabilidade dos ecossistemas costeiros a longo prazo e, conseqüentemente, a sua

capacidade de reagir às pressões suplementares exercidas pelas alterações climáticas. As planícies aluviais naturais dos principais rios europeus já foram quase todas absorvidas pelo desenvolvimento (é o caso do Reno, do Elba e do Pó). As planícies costeiras registaram igual taxa de desenvolvimento rápido com um aumento de 1 900 km² de superfícies artificiais entre 1990 e 2000. Esta tendência não apresenta sinais de reversão. Como consequência, muitas zonas costeiras sofrem de uma chamada “compressão costeira”. A expressão “compressão das zonas costeiras” designa a expansão das áreas construídas e infra-estruturas para áreas cada vez mais perto da linha da costa em detrimento dos sistemas naturais que normalmente funcionam como barreira de protecção entre o mar e a terra. Esta compressão aumenta a vulnerabilidade das zonas costeiras às alterações climáticas e à subida do nível do mar, em especial por ocasião de

Zona edificada na faixa costeira 0–1 km relativamente ao total da zona de 10 km, 1990–2000



Fonte: AEA, 2006.

fenómenos extremos, tais como as vagas de temporal.

A melhoria da gestão das zonas costeiras, em especial em termos de ordenamento do território, pode reduzir potencialmente a vulnerabilidade destas regiões às consequências das alterações climáticas. Estão a surgir em vários países, estratégias nacionais de adaptação às mudanças climáticas que fornecem orientações claras no sentido do reforço da resistência natural das costas e da

melhoria da sustentabilidade. Por exemplo, o princípio da "retirada controlada" cujo objectivo é atenuar a vulnerabilidade dos sistemas sócio-ambientais aos impactes das alterações climáticas, responde perfeitamente à ideia de base de gestão integrada das zonas costeiras.

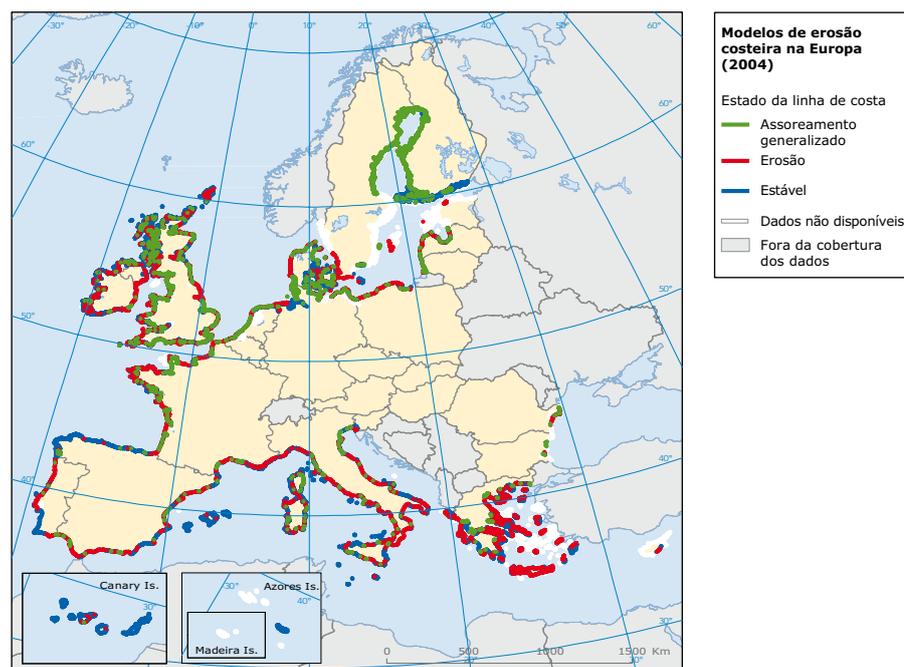
Desde 1995 que as preocupações quanto ao estado da linha costeira europeia têm dado lugar a várias iniciativas da UE assentes no conceito de gestão integrada da zona

costeira (GIZC). A GIZC visa um equilíbrio entre as necessidades de desenvolvimento e a protecção dos próprios recursos que sustentam a economia das zonas costeiras. O objectivo específico da AEA é contribuir para a revisão, em 2006, da Recomendação do Parlamento Europeu e do Conselho relativa à execução da GIZC da Europa (2002/413/CE). A estratégia temática para a protecção do meio marinho também integra as zonas costeiras promovendo uma abordagem baseada nos ecossistemas e propondo regiões marinhas. A UE empenhou-se também no desenvolvimento de uma política marítima. Todas estas novas políticas podem contribuir potencialmente para uma melhor gestão integrada das zonas costeiras e dos seus ecossistemas. Um indicador de sucesso será a concepção de acções coerentes no âmbito dessas políticas e a implementação das mesmas através de mecanismos de governação melhorados.

Referências

AEA (2006), *The changing faces of Europe's coastal areas*, EEA — Relatório nº 6/2006, Agência Europeia do Ambiente, Copenhaga.

Modelos de erosão costeira na Europa, 2004



Fonte: AEA, 2006, com base em EuroSION, 2004.

European Environment Agency
Kongens Nytorv 6
1050 Copenhagen K
Denmark

Tel.: +45 33 36 71 00
Fax: +45 33 36 71 99

Web: eea.europa.eu
Enquiries: eea.europa.eu/enquiries

